

«A Rival», Isabelle Eberhart

Ana Cristina Tavares
(Investigadora e Professora Associada
na Universidade Lusófona de Lisboa)

«Je ne suis qu'une originale, une rêveuse qui veut vivre loin du monde, vivre de la vie libre et nomade, pour essayer ensuite de dire ce qu'elle a vu et peut-être de communiquer à quelques uns le frisson mélancolique et charmé qu'elle ressent en face des splendeurs tristes du Sahara.»

Isabelle
EBERHARDT

Introdução

Isabelle EBERHARDT nasceu na Suíça em 1877 e faleceu na Argélia em 1904. A sua vida curta mas romanesca foi marcada pela aventura, ousadia e pelo amor da literatura. Filha ilegítima de refugiados russos atribuíram-lhe, por vezes, o poeta Arthur Rimbaud como pai. Viveu num ambiente cosmopolita, multicultural e contactando com diferentes línguas, nomeadamente, o russo, o francês, o alemão, o italiano e o árabe, além do latim e do grego. Aos 18 anos, publica as suas primeiras novelas e, dois anos depois, efectua a sua viagem iniciática à Argélia tornando-se muçulmana e adoptando o pseudónimo masculino de Mahmoud Saadi. Apaixona-se por Slimène Ehni, um soldado indígena do exército francês do Norte de África com quem acabará por casar. A sua vida, despida de preconceitos, acompanhando as caravanas e os comboios militares, disfarçada de cavaleiro árabe e escrevendo as suas impressões de viagem e novelas, causar-lhe-á problemas com as autoridades colonizadoras francesas. As suas relações ambíguas com o general Lyautey alimentaram a polémica.

Isabelle foi mesmo considerada como uma espia ao seu serviço. O que parece certo é que Isabelle se encontrou com o futuro marechal francês na qualidade de jornalista-repórter de guerra e talvez tenha sido apenas o mútuo interesse pela literatura o único elo comum já que as suas ideias políticas são antagónicas. Em todo o caso, parece que os seus escritos chegaram até nós por intermédio de Lyautey que os terá recuperado das ruínas em que Isabelle ficou sepultada, aquando de uma enorme enxurrada em Aïn Sefra.

Esta escritora lançou um novo tipo de literatura sobre o Magreb em que rompe com o orientalismo e o pitoresco, mostrando o povo argelino na situação de colonizado. Citemos apenas algumas das suas narrativas: *Yasmina* de 1902, *Nouvelles algériennes* de 1905, *Dans l'ombre chaude de l'Islam* de 1906 e duas com tradução portuguesa: *Au pays des sables* (*País das Areias*) e *Ecrits sur le sable* (*Escritos no deserto*). Os seus escritos transmitem-nos a emoção melancólica de uma sonhadora nómada que admira o Magreb e retrata a Argélia na época da colonização francesa. As obras completas foram editadas no final dos anos 80. O presente texto data de 1904 e a versão original francesa que transcrevemos pertence à colecção electrónica da Biblioteca Municipal de Lisieux.

La Rivale

par Isabelle Eberhardt

Un matin, les pluies lugubres cessèrent et le soleil se leva dans un ciel pur, lavé des vapeurs ternes de l'hiver, d'un bleu profond.

Dans le jardin discret, le grand arbre de Judée tendit ses bras chargés de fleurs en porcelaine rose.

Vers la droite, la courbe voluptueuse des collines de Mustapha s'étendit et s'éloigna en des transparences infinies.

Il y eut des paillettes d'or sur les façades blanches des villas.

Au loin, les ailes pâles des barques napolitaines s'éployèrent sur la moire du golfe tranquille. Des souffles de caresse passèrent dans l'air tiède. Les choses frissonnèrent. Alors l'illusion d'attendre, de se fixer, et d'être heureux, se réveilla dans le cœur du vagabond.

Il s'isola, avec celle qu'il aimait, dans la petite maison laiteuse où les heures coulaient, insensibles, délicieusement alanguies, derrière le moucharabié de bois sculpté, derrière les rideaux aux teintes fanées.

En face, c'était le grand décor d'Alger qui les conviait à une agonie douce.

ARIVAL

Uma manhã, a chuva lúgubre cessara dando lugar ao sol num céu límpido, de um azul profundo, purificado dos vapores descorados do Inverno.

No discreto jardim, a grande árvore-da-judeia estendeu os seus braços carregados de flores de porcelana cor-de-rosa.

Para a direita, estendia-se a curva voluptuosa das colinas de Mustafá, afastando-se em infinitas transparências.

As fachadas brancas das vivendas pareciam enfeitadas com lantejoulas douradas.

Ao longe, as velas pálidas das barcas napolitanas abriram-se nos reflexos do golfo tranquilo. Sopros acariciantes passaram no ar tépido. Um arrepio penetrou as coisas. Então, a ilusão de esperar, de se fixar, e de ser feliz, despertou no coração do vagabundo.

Isolou-se com a sua amada na casinha leitosa, onde as horas passavam, insensíveis, deliciosamente langorosas, atrás da janela de madeira esculpida e dos cortinados esmaecidos.

Em frente, o panorama de Argel convidava-os a uma doce agonia.

Pourquoi s'en aller, pourquoi chercher ailleurs le bonheur, puisque le vagabond le trouvait là, inexprimable, au fond des prunelles changeantes de l'aimée, où il plongeait ses regards, longtemps, longtemps, jusqu'à ce que l'angoisse indicible de la volupté broyât leurs deux êtres?

Pourquoi chercher l'espace, quand leur retraite étroite s'ouvrait sur l'horizon immense, quand ils sentaient l'univers se résumer en eux-mêmes?

Tout ce qui n'était pas son amour s'écarta du vagabond, recula en des lointains vagues.

Il renonça à son rêve de fière solitude. Il renia la joie des logis de hasard et la route amie, la maîtresse tyrannique, ivre de soleil, qui l'avait pris et qu'il avait adorée.

Le vagabond au cœur ardent se laissa bercer, pendant des heures et des jours, au rythme du bonheur qui lui sembla éternel.

La vie et les choses lui parurent belles. Il pensa aussi qu'il était devenu meilleur, car, dans la force trop brutalement saine de son corps brisé, et la trop orgueilleuse énergie de son vouloir alangui, il était plus doux.

...Jadis, aux jours d'exil, dans l'écrasant ennui de la vie sédentaire à la ville, le cœur du vagabond se serrait douloureusement au souvenir des fêtes du soleil sur la plaine libre.

Maintenant, couché sur un lit tiède, dans un rayon de soleil qui entrait par la fenêtre ouverte, il pouvait évoquer tout bas, à l'oreille de l'aimée, les visions du pays de rêve, avec la seule mélancolie très douce qui est comme le parfum des choses mortes.

Le vagabond ne regrettait plus rien. Il ne désirait que l'infinie durée de ce qui était.

La nuit chaude tomba sur les jardins. Un silence régna, où seul montait un soupir immense, soupir de la mer qui dormait, tout en bas, sous les étoiles, soupir de la terre en chaleur d'amour.

Comme des bijoux, des feux brillèrent sur la croupe molle des collines. D'autres s'égrenèrent en chapelets d'or le long de la côte; d'autres s'allumèrent, comme des yeux incertains, dans le velours d'ombre des grands arbres.

Le vagabond et son aimée sortirent sur la route, où personne ne passait. Ils se tenaient par la main et ils souriaient dans la nuit.

Ils ne parlèrent pas, car ils se comprenaient mieux en silence.

Porquê partir, porquê procurar noutro lugar a felicidade, visto que a errância se encontrava ali, inexprimível no fundo das pupilas volúveis da amada, onde ele mergulhava o olhar, demoradamente, demoradamente, até a angústia indescritível da voluptuosidade esmagar os seus seres?

Porquê procurar a amplidão, quando o seu pequeno refúgio se abria sobre o horizonte imenso, quando podiam sentir o universo concretizar-se neles próprios? Tudo o que não fosse o seu amor, afastou-se do vagabundo recuando para longínquos inefáveis.

Renunciou ao seu sonho de orgulhosa solidão. Rejeitou a alegria do alojamento de acaso e a estrada companheira, a amante tirânica, ébria de sol, que o possuía e que ele adorara.

O vagabundo, de coração feroso, deixou-se embalar, horas e dias a fio, ao ritmo da felicidade que lhe parecia eterna.

A vida e as coisas pareciam-lhe belas. Pensava também ter-se tornado melhor, pois estava mais meigo na força brutalmente sã do seu corpo quebrado e na energia orgulhosa da sua vontade elanguescida.

...Outrora, durante os dias de exílio, no tédio opressor da sedentária vida citadina, o vagabundo sentira um doloroso aperto no coração ao recordar o espectáculo do sol na planície livre.

Agora, deitado num leito tépido, a partir de um raio de sol que entrava pela janela aberta, ele podia murmurar ao ouvido da amada as visões do país de sonho, apenas com a doce saudade que é como o perfume das coisas mortas.

O vagabundo já não estava saudoso de nada. Apenas desejava o prolongamento infinito do instante.

A noite cálida desceu sobre os jardins. Reinava o silêncio, apenas um suspiro imenso subia, o suspiro do mar que dormia, lá em baixo, sob as estrelas, o suspiro da terra fremente de amor.

Como jóias, as luzes brilharam nos cimos arredondados e suaves das colinas. Outras enfileiravam-se como rosários dourados ao longo da costa; outras, ainda, acenderam-se, como olhos incertos, no veludo sombrio das árvores frondosas.

O vagabundo e a sua amada saíram à rua, onde ninguém passava. Iam de mãos dadas, sorrindo na noite.

Não falaram, pois compreendiam-se melhor em silêncio.

Lentement, ils remontèrent les pentes du Sahel, tandis que la lune tardive émergeait des bois d'eucalyptus, sur les premières ondulations basses de la Mitidja.

Ils s'assirent sur une pierre.

Une lueur bleue coula sur la campagne nocturne et des aigrettes d'argent tremblèrent sur les branches humides.

Longtemps, le vagabond regarda la route, la route large et blanche qui s'en allait au loin.

C'était la route du Sud.

Dans l'âme soudain réveillée du vagabond, un monde de souvenirs s'agitait.

Il ferma les yeux pour chasser ces visions. Il crispa sa main sur celle de l'aimée.

Mais, malgré lui, il rouvrit les yeux.

Son désir ancien de la vieille maîtresse tyrannique, ivre de soleil, le reprenait.

De nouveau, il était à elle, de toutes les fibres de son être.

Une dernière fois, en se levant, il jeta un long regard à la route: il s'était promis à elle.

... Ils rentrèrent dans l'ombre vivante de leur jardin et ils se couchèrent en silence sous un grand camphrier.

Au-dessus de leurs têtes, l'arbre de Judée étendit ses bras chargés de fleurs roses qui semblaient violettes, dans la nuit bleue.

Le vagabond regarda son aimée, près de lui.

Elle n'était plus qu'une vision vaporeuse, inconsistante, qui allait se dissiper dans la clarté lunaire.

L'image de l'aimée était vague, à peine distincte, très lointaine. Alors, le vagabond, qui l'aimait toujours, comprit qu'il allait partir à l'aube, et son cœur se serra.

Il prit l'une des grandes fleurs en chair du camphrier odorant et la baisa pour y étouffer un sanglot.

Le grand soleil rouge s'était abîmé dans un océan de sang, derrière la ligne noire de l'horizon.

Très vite, le jour s'éteignit, et le désert de pierre se noya en des transparences froides.

En un coin de la plaine, quelques feux s'allumèrent.

Des nomades armés de fusils agitèrent leurs longues draperies blanches autour des flammes claires.

Un cheval entravé hennit.

Un homme accroupi à terre, la tête renversée, les yeux clos, comme en rêve, chanta une cantilène ancienne où le mot *amour* alternait avec le mot *mort*...

Puis, tout se tut, dans l'immensité muette.

Lentamente, subiram as encostas do Sahel, enquanto a lua tardia surgia dos eucaliptais, nas primeiras ondulações baixas de Mitidja.

Sentaram-se numa pedra.

Uma claridade azulada deslizou sobre o campo nocturno e garças prateadas tremeram nos ramos húmidos.

Durante muito tempo, o vagabundo olhou a estrada, a estrada larga e branca que se estendia ao longe.

Era a estrada do Sul.

Um universo de recordações agitava-se no espírito do vagabundo, repentinamente desperto.

Cerrou os olhos para afastar essas visões. Crispou a mão sobre a da amada.

Mas, sem querer, voltou a abrir os olhos.

Recomeçava o seu antigo desejo da velha amante tirânica, ébria de sol.

Pertencia-lhe de novo, todas as fibras do seu ser eram dela.

Uma última vez, ao levantar-se, olhou longamente a estrada: estava-lhe destinado.

... Penetraram na sombra viva do jardim e deitaram-se em silêncio sob uma grande canforeira.

Sobre as suas cabeças, a árvore-da-judeia estendeu os seus braços carregados de flores cor-de-rosa que pareciam violeta, na noite azulada.

O vagabundo contemplou a amada, junto a si.

Esta era apenas uma visão nebulosa, inconsistente, que iria desvanecer-se na claridade da lua.

A imagem da amada era vaga, mal se distinguia, muito distante. Então, o vagabundo, que continuava a amá-la, compreendeu que iria partir de madrugada e sentiu um aperto no coração.

Apanhou uma das grandes flores da canforeira odorífera e beijou-a para assim abafar um soluço.

O grande sol vermelho afundara-se num oceano ensanguentado, atrás da linha negra do horizonte

Rapidamente o dia findou e o deserto de pedra diluiu-se em frias transparências.

Num pedaço da planície, algumas luzes acenderam-se.

Nómadas armados com espingardas agitaram as suas longas vestes brancas em redor das chamas claras.

Um cavalo peado relinchou.

Um homem acorado, com a cabeça inclinada para trás e de olhos fechados, como em sonhos, cantou uma cantilena antiga em que a palavra *amor* alternava com a palavra *morte*...

Près d'un feu à demi éteint, le vagabond était couché, roulé dans son burnous.

La tête appuyée sur son bras replié, les membres las, il s'abandonnait à la douceur infinie de s'endormir seul, inconnu parmi des hommes simples et rudes, à même la terre, la bonne terre berceuse, en un coin de désert qui n'avait pas de nom et où il ne reviendrait jamais.

Depois, tudo ficou silencioso, na imensidão muda.

Próximo do lume quase apagado, o vagabundo estava deitado, enrolado no seu albornoz.

Com a cabeça apoiada no braço dobrado, os membros cansados, entregava-se à infinita doçura de adormecer sozinho, desconhecido entre homens simples e rudes, sobre a terra, a boa terra embaladora, num pedaço do deserto sem nome e ao qual nunca mais regressaria.